

## NARRATIVAS DE APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA

(Até ao séc. XII)

por MARIO MARTINS, S. I.

Em certo modo, toda a história é história de Deus na Terra dos homens, como diria Unamuno. E nós acrescentaremos que, nela, o mal também desempenha a sua missão. O mal e o erro. É esta a grande força de Deus — deixar entrar os próprios descaminhos humanos no plano sobrenatural da expansão do seu reino neste mundo. Por exemplo: Na alma de povo, amiga de tudo o que é extraordinário e misterioso, sem equilíbrio nem intuição justa dos limites, alguns apócrifos assuncionistas e outros escritos similares exerceram uma vasta influência, dramatizando, muitas vezes, verdades católicas em formas teatrais, vistosas e carregadas de simbolismo, carregando consigo, aqui e além, a verdade central da Assunção de Nossa Senhora ao Céu.

O *Livro de S. João Evangelista* ou *Tratado de S. João, o Teólogo, sobre a dormição da Santa Mãe de Deus*, escrito em grego, difundiu-se muito, sobretudo pelo Oriente bizantino, e foi traduzido para latim. Dele dependem outras narrativas que percorreram o Ocidente <sup>1</sup>. Talvez do séc. IV, como quer Tischendorf, o mais tardar da segunda metade do séc. VI, como prefere Jugie, o *Livro de S. João Evangelista* é o representante mais característico do tronco apócrifo que se ramificou dentro da literatura assuncionista. Ora, conta-nos o Pseudo-João que, três dias seguidos, anjos invisíveis cantaram em torno do sepulcro da Senhora. Depois, sobreveio um grande e significativo silêncio e os apóstolos concluíram que o corpo da Virgem Maria fora trasladado para o Céu <sup>2</sup>. E «eis que vimos imediatamente Isabel, mãe de S. João Baptista, e Ana, mãe de Nossa Senhora, e Abraão, Isaac, Jacob e David, que cantavam o *Alleluia*. E vimos, também, todos os coros dos santos prostrados ante os veneráveis despojos da Mãe do Senhor», num *lugar radiante de luz* <sup>3</sup>. Por seu lado, conta-nos o *Evangelho dos XII Apóstolos* que eles *viram* levar Nossa Senhora, num carro de luz <sup>4</sup>.

Todas estas confusas maravilhas andavam longe de satisfazer os fiéis. Do Pseudo-João chegou até nós uma recensão siríaca, da segunda metade do séc. VI, segundo parece, e à volta do séc. X encontramos uma recensão árabe estreitamente aparentada à siríaca, mas com alguma coisa de novo <sup>5</sup>. E cá temos agora o episódio famoso da aparição de Nossa Senhora ao apóstolo S. Tomé, que, também neste caso, andava longe dos mais apóstolos. Trazido a Jerusalém, em cima duma nuvem, S. Tomé vê a Senhora subindo

---

1. *Los Evangelios Apócrifos*, ed. bilingüe por Aurelio de Santos, Madrid, 1956, p. 617.

2. *Ib.*, p. 643.

3. *Ib.*, p. 643.

4. MAURICIO GORDILLO, S. J., *Mariologia Orientalis*, Roma, 1954, p. 208.

5. MAX ENGER, *Iohannis apostoli de transitu B. Mariae Virginis liber*, Eberfeld, 1854. Texto árabe e tradução latina.

«Salmanticensis», 7 (1958).

ao Céu. E a Virgem Maria deita-lhe, lá do alto, a sua santa bênção o entrega-lhe o cinto, como recordação e prova da sua Assunção. Pedro manda abrir o túmulo, no vale de Josafá, e descobre que se encontra vazio. E só então amostra S. Tomé o cinto da SS.ma Virgem <sup>6</sup>.

Quais as origens de tal lenda? No final do séc. VII, ou princípios do seguinte, corria uma pequena história, escrita primeiramente em grego, conservada mais tarde na língua arménia e vertida para alemão, em 1887, por Paulo Vetter: *Resposta de Dinis Areopagita, primeiro bispo dos atenienses, a pedido de Tito, bispo de Creta, acerca da morte e assunção de Maria, Santíssima Virgem e Mãe de Deus*. Nela, ouvimos falar dum apóstolo retardatário (certamente S. Tomé). Chegou, quis ver o corpo de Nossa Senhora, mas o sepulcro estava vazio. A Virgem SS.ma fora levada pelos anjos <sup>7</sup>. Aqui enraiza a visão de S. Tomé, da recensão árabe, e o mesmo acontece à narração do Pseudo-José de Arimateia, apócrifo tardio mas de larga repercussão. Cercados de luz, os apóstolos caem por terra, enquanto os anjos levam para o céu o sagrado corpo da Virgem Maria, sem eles darem por nada. Longe dali, na Índia, S. Tomé celebrava missa. Eis senão quando, sente-se de repente levado ao Monte Olivete. Olhando para o santo corpo da Virgem Maria, levado ao Céu, «começou a gritar e a dizer: Ó santa Mãe, bendita Mãe, Mãe imaculada, se achei graça diante dos teus olhos, já que te vejo alegre o teu servo!». Então, a Virgem Maria deixou cair o cinto. O apóstolo beijou-o e partiu para o Vale de Josafá, onde os apóstolos choravam junto do túmulo de Nossa Senhora. E convenceu os apóstolos da ressurreição da Mãe de Deus, fazendo abrir o sepulcro e mostrando-lhes o cinto maravilhoso <sup>8</sup>.

Em círculos cada vez mais amplos, este piedoso romance espalhou-se pelo mundo cristão. Na igreja copta, o patriarca Teodósio († 567), nitidamente favorável à gloriosa ressurreição da Mãe de Deus (e não somente à trasladação do seu corpo) compôs uma longa descrição do trespasso da SS.ma Virgem e fixou duas festas em seu louvor: a da sua morte, a 16 de Janeiro, e a da sua ressurreição, celebrada a 9 de Agosto. A liturgia de ambas as festas revela a presença dalguns apócrifos e todos os domingos, no ofício do incensamento vespéral, ouvimos cantar: «o apóstolo Tomé, também chamado Dídimo, deu testemunho acerca de Maria, quando ela era levada ao céu» <sup>9</sup>.

Passemos ao *Transitus Mariae*. As suas redacções mais antigas vemo-las surgir pelos princípios do séc. V, até final do séc. VI. Entre elas, surge a narrativa siríaca que possivelmente inspirou S. Gregório de Tours († 594). Arrebatados momentaneamente ao paraíso terrestre (ou coisa semelhante) os apóstolos vêem colocar o corpo da SS.ma Virgem *debaixo da árvore da vida*, chegando logo a alma, trazida pelos anjos <sup>10</sup>. Data do final do séc. V, esta versão. Ora, aconteceu que, à volta do anno 550, um falsário que afirma de si mesmo ter sido discípulo de S. João Evangelista, meteu ombros à empresa de expurgar o *Transitus Mariae* de certos episódios mais fantásticos. E assim nasceu o *De Transitu Virginis Mariae*, do Pseudo-Melito: *Melito, servus Christi, episcopus Ecclesiae Sardensis...* <sup>11</sup>. Desta vez, os apóstolos contemplam a Virgem Maria, levada ao céu pelos anjos, depois da sua ressurreição, para voltarem de novo às terras longínquas, donde tinham chegado <sup>12</sup>.

Sob o ponto de vista histórico, podemos afirmar deste e doutros escritos assuncionistas que eles nada adiantavam, tantas são as lendas e as contradições que as suas páginas encerram. Porém, «au point de vue doctrinal, ces récits méritent d'attirer l'at-

6. MARTIN JUGIE, *La Mort et l'Assomption de la Sainte Vierge*, Cidade do Vaticano, 1944, p. 123.

7. *Ib.*, pp. 157-158.

8. *Los Evangelios Apócrifos*, ed. cit., pp. 695-698. A este apócrifo é que Tischendorf dá o nome de *Transitus*.

9. MARTIN JUGIE, *op. cit.*, p. 298; MAURÍCIO GORDILLO, *Mariologia Orientalis*, Roma, 1954, p. 211.

10. MARTIN JUGIE, *op. cit.*, pp. 108-110.

11. MIGNE, *PG*, t. 5, col. 1231.

12. *Ib.*, cols. 1238-1239..

tention de l'historien du dogme, parce qu'ils nous renseignent sur les premières solutions que donna la piété chrétienne au problème posé par la mort de la Mère de Dieu. Du moment qu'on admet que celle-ci est morte — et sur ce point, tous les apocryphes du *Transitus* sont d'accord — la question surgit du sort ultérieur de son corps. Sur ce problème, on n'avait pas réfléchi durant les premiers siècles. Saint Épiphane, qui se l'était posé, n'avait trouvé aucun élément certain de solution dans les sources de la Révélation. Mais après le concile d'Ephèse, quand l'attention fut attirée sur l'éminente dignité que confère à Marie la maternité divine, on ne pouvait rester indéfiniment sur l'attitude agnostique qu'avait adoptée ce Père. Le sens chrétien répugnait à admettre que la Vierge toute-sainte, Mère de Dieu, ait pu avoir le sort commun à tous les mortels et que son corps virginal ait connu la corruption du tombeau. Sûrement le Fils de Dieu avait dû soustraire sa Mère à cette humiliation. C'est ce qu'ont senti à peu près tous les auteurs du *Transitus*. Mais leur solution n'a pas été identique en tout. Comme nous l'avons vu, plusieurs d'entre eux, ayant pour chef de file le Pseudo-Jean grec, ont cru qu'il suffisait d'exempter le corps de la Vierge de toute corruption sans lui accorder le privilège de la résurrection glorieuse. Ils font transporter le corps virginal au paradis terrestre, à l'ombre de l'arbre de vie, où il attendra dans une parfaite incorruption la résurrection générale. Les autres, plus nombreux, à la suite du premier récit syriaque et du Pseudo-Méliton, ont trouvé la seule solution vraiment digne de l'amour filial de Jésus: ils ont raconté que Marie était ressuscitée et avait été transportée au ciel en corps et en âme. A cette solution la plupart des Pères et des docteurs de l'Eglise, à partir du *viii*<sup>e</sup> siècle, donneront leur assentiment. Mais l'autre opinion conservera pendant longtemps des partisans, tandis qu'un petit nombre adoptera la position agnostique prise par saint Epiphane. Les monophysites d'Egypte et d'Abyssinie resteront fidèles au récit du patriarche Théodose, consacré par la liturgie de leur Eglise, en plaçant un espace de six mois entre la mort et la résurrection glorieuse de la Vierge; mais ils auront le bon goût de se taire sur la dissolution du corps virginal dans le tombeau durant ces six mois, à laquelle le patriarche corrupticole paraît avoir songé. Ce qu'il faut retenir, c'est que, chronologiquement parlant, les partisans les plus anciens que nous connaissons de la véritable assumption, précédée de la mort et suivie de la résurrection glorieuse, sont l'auteur du premier récit syriaque, dont s'est inspiré saint Grégoire de Tours, et le Pseudo-Méliton.

«Les récits apocryphes les plus anciens ont précédé l'institution d'une fête de la Dormition dans les Eglises orientales, et il est vraisemblable que leur influence n'a pas été étrangère à cette institution. Quelques-uns ont été composés à l'occasion de l'introduction même de la fête en certains endroits. La chose est certaine pour le récit de Jean de Thessalonique, probable pour celui du patriarche Théodose d'Alexandrie. De ces récits s'inspirent souvent les poèmes liturgiques de la fête de la Dormition.

«En parlant de la doctrine des Pères grecs sur l'Assomption à partir du *viii*<sup>e</sup> siècle, nous aurons l'occasion de constater que plusieurs homélistes ont fait des emprunts discrets aux apocryphes, en particulier au récit de Jean de Thessalonique. Les orateurs eux mêmes ont inventé, sur la mort et l'ensevelissement, des détails inédits, nettement opposés aux dires des apocryphes. En l'absence de tout document historique, les pieuses conjectures ne sauraient être interdites.

«Il va sans dire que les représentations sculpturales et picturales de la mort et de l'assomption de la Vierge sont, la plupart du temps, en étroite dépendance des récits apocryphes»<sup>13</sup>.

Limitandos-nos à aparição de Nossa Senhora a S. Tomé (mero episódio na corrente confusa dos apócrifos) não há dúvida que invadiu a piedade dos fiéis e concorreu para enraizar, neles, a crença no sagrado mistério mariano da Assunção. Na *Legenda Aurea*, a 15 de Agosto, lá encontramos a tradicional aparição a S. Tomé, embora Jacobo de Vorágine acrescente, cautelosamente: *Mas, todas estas coisas estão num livro que parece apócrifo*. E num breviário manuscrito de quatrocentos, actualmente

13. MARTIN JUGIE, *op. cit.*, pp. 169-170.

na Biblioteca Municipal de Châteauroux, surgem várias iluminuras assuncionistas, entre elas uma com o episódio de Nossa Senhora, a dar o cinto ao apóstolo da Índia <sup>14</sup>. Quanto ao teatro, recordamos, unicamente, as palavras de Hardin Craig, sobre o drama inglês da Idade Média, intitulado *Appearance of Our Lady to Thomas*: «Thomas on his way from India finds himself in the Vale of Jehoshaphat. He is melancholy, discouraged, and alone. He mourns over the cruel death of the good Jesus and the insults and tortures He has endured. He lies down to sleep. At this low point there appears to him a vision of the Blessed Virgin Mary with angels before her singing a Latin hymn that begins, *Surge proxima mea columba*. While the angels sing another song, *Veni de Libano sponsa, veni coronaberis*, from the Song of Salomon, they bid Thomas arise, and, when he does so, he beholds the Virgin in bright light borne aloft by the angels. She speaks to him with infinite kindness and lets down to him her blue girdle, dispelling his incredulity. She bids him carry the message of her ascension to the other disciples. There is more music, and the vision vanishes» <sup>15</sup>.

Dentro da Península Ibérica, temos Afonso o Sábio, no séc. XIII, que numa das suas *Cantigas de Santa Maria* descreve igualmente a famosa aparição:

E pois la enterraron  
en sepulcre mui bel,  
fóron-ss' aa cidade;  
mais logo San Miguel  
levou o corpo d'ela  
con outro gran tropel  
d'ángeos que veeron,  
e cada un cantou.

*Des quando Deus sa Madre  
aos çeos levou...*

Eles indo cantando,  
Santo Thomas sobir  
os viu, que Deus fezera  
en a nuve viir:  
e viu Santa Maria  
entr'eles todos yr,  
e por saber quem era,  
logo lles preguntou.

*Des quando Deus sa Madr.  
aos çeos levou...*

E ela respondeu-lle:  
—Tomás, amigo meu,  
a mia alma meu Fillo  
levou, ben ti dig'eu,  
e meu corp' ora levan  
pera o regno seu  
estes ángeos santos,  
e con eles me vou.

*Des quando Deus sa Madre  
aos çeos levou...*

E San Tomás lle disse:  
Sennor, mui m'é mester,  
porque creudo seja  
d'esto, se vos prouguer,  
que algun sinal aja

14. LEROQUAIS, *Les Bréviaires Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, t. 1, Paris, 1934, p. 318.

15. HARDIN CRAIG, *English Religious Drama of the Middle Ages*, Oxford, 1955, p. 233.

que quando o disser  
 que eu amostrar possa.  
 Et ela lle lançou  
*Des quando Deus sa Madre*  
*aos çeos levou...*  
 A cinta que çingia,  
 que vos non foi dón vil,  
 ant' era mui ben feita  
 e d' obra mui sotil.  
 Et él deu end' a ela  
 porén loores mil,  
 e sa cinta na mão,  
 aa vila chegou»<sup>16</sup>.

Neste capítulo dos apócrifos e seus derivados, poderíamos igualmente introduzir a visão de S. João Evangelista, conforme a liturgia etiópica, na festa de Assunção, a 22 de Agosto. Neste caso, o corpo de Nossa Senhora ficou algum tempo no paraíso terrenal, à sombra da *árvore da vida* — e só depois subiu ao Céu. João «viu Nosso Senhor Jesus assentado junto da árvore da vida, onde se encontrava o corpo de Nossa Senhora Maria. Ele deu ordem a sete anjos que chamaram pela terra e lhe disseram: *Nosso Senhor Jesus Cristo ordena-te que ponhas fora o corpo da sua pura Mãe*. Logo saiu do túmulo o corpo de Nossa Senhora Maria, de baixo da árvore da vida. Nosso Senhor Jesus Cristo consolou-a e disse-lhe: *Vem para mim, minha querida Mãe, para eu te fazer subir para o reino dos céus, a eterna felicidade*. Imediatamente se inclinaram todas as árvores do paraíso. Os anjos, arcanjos e os justos fizeram-na subir. O profeta David dava glória, dizendo: *A Rainha está à tua direita, revestida de variegados vestidos de ouro*. Ela estava sentada à direita do seu Filho e seu Deus, no meio duma grande glória. Ela subiu aos céus, sentada no carro dos querubins».

Muito sofreram os outros apóstolos por não terem contemplado esta maravilhosa visão. E assim esperaram um ano inteiro, dolorosamente. Porém, quando novamente chegou o dia 22 de Agosto, Jesus arrebatou-os todos ao céu. E viram Nossa Senhora, à direita do seu Filho, cercada de glória. E a Virgem Maria *estendeu as mãos e benzeu-os a um por um*<sup>17</sup>.

Seguramente, o dogma da Assunção de Nossa Senhora não deriva destas lendas. A sensibilidade cristã de certos sectores da Cristandade é que procurava, com avidez, confirmá-la com alguma coisa que lhe falasse à imaginação, uma prova sensível, um *testemunho de vista*. A fé gerava *ilegitimamente* a lenda. Por sua vez, a lenda fortalecia a fé (também *ilegitimamente*). Podemos lamentar, mas não podemos negar este fenómeno histórico.

A crítica só pode exercer-se, seguramente, à base de documentos cujo valor possamos apreciar com um mínimo de exactidão científica. Infelizmente, ne imensa maioria dos casos, temos simples afirmações, muitas vezes cheias de bruma e dificilmente controláveis. Algumas narrativas de aparições marianas são escritas de tal modo e encerram tais afirmações que uma simples análise interna leva um olhar perspicaz a descobrir nelas, imediatamente, a mão fraudulenta da lenda. Valerá a pena citar casos desta espécie?

Na *Espanha Sagrada*<sup>18</sup>, o agostinho Frei Manuel Risco publica a história de aparição de Nossa Senhora do Pilar, tirada, diz ele, dum códice de pergaminho, do arquivo de Santa Maria do Pilar. Depois de receberem a bênção de Nossa Senhora, conta-nos ele, os apóstolos espalharam-se pelo mundo. S. Tiago Maior veio para a Península Ibérica,

16. AFONSO O SÁBIO, *Cantigas de Santa Maria*, t. 2, Madrid, 1889, pp. 580-581.

17. G. NOLLET, *Le Culte de Marie en Ethiopie*, em *Maria*, t. 1, Paris, 1949, p. 349 (estudos sob a direcção de Hubert du Manoir, S. J.).

18. *Espanha Sagrada*, t. 30, Madrid, 1775, pp. 426-428.

andou pelas Astúrias, converteu um homem em Oviedo, entrou pela Galiza, foi até Castela, e, finalmente, chegou a Saragoça, em Aragão. Uma noite, estava ele junto do rio, quando ouviu anjos a cantar: *Ave Maria, gratia plena!* S. Tiago ajoelhou imediatamente e eis que lhe apareceu a Mãe de Deus, entre dois coros de milhares de anjos. E a Virgem Maria ordenou-lhe que erguesse ali uma igreja, em sua honra — nada menos que o primeiro templo de Nostra Senhora do Pilar.

Passemos, agora, à Inglaterra. Na primeira metade do séc. XII, Guilherme de Malmesbury escrevia uma obra em louvor da abadia beneditina de Glastonbury: *De antiquitate Glastoniensis Ecclesiae*. Após a morte do autor, foram-lhe acrescentando novos dados, entre eles a viagem de José de Arimateia, no anno 63, com 11 companheiros. Chegados à Inglaterra, retiraram-se para uma região erma, erguendo ali, pouco depois, uma igreja à honra da SS.ma Virgem, por mandato de S. Gabriel — *visione archangeli Gabrielis admoniti*<sup>19</sup>. Junto dela, viveram os santos varões, entregues ao culto da Mãe de Deus e consolados com a ajuda e *visão* da mesma Senhora, conforme uma piedosa crença — *ut credi pium est*<sup>20</sup>. Assim nasceu e prosperou um dos maiores santuários marianos da velha Inglaterra.

Que diremos da virgem S.ta Verena, à volta do ano 300, de quem reza o breviário ter-lhe aparecido Nossa Senhora, na hora da morte, convidando-a a ir para o céu? E de Nossa Senhora das Neves que, numa visão, ordena ao patricio João a construção da basilica sobre o monte Esquilino? Foi uma lenda que correu mundo e encontramo-la também nas iluminuras dos breviários e Livros de Horas<sup>21</sup>. E da aparição da Mãe de Deus ao abade Isaac, na Úmbria, na primeira metade do séc. VI, que em vão procuramos nos *Diálogos* de S. Gregório Magno<sup>22</sup>? Seria pouco sensato deter-nos nestas histórias devotas, desprovidas de qualquer base séria.

A outros casos só podemos citá-los, mas não nos é lícito comprometer-nos num juízo de valor acerca deles. Aliás, isso torna-se impossível, a tantos séculos de distância e com tanta penúria de documentos. São factos resumidos em poucas linhas, afirmados mais ou menos gratuitamente, muitas vezes tendo como protagonistas pessoas de quem nada sabemos. Por exemplo: Todos os bisantinos viviam convencidos de que a SS.ma Virgem era a defensora n.º 1 de Constantinopla. Mas, seria verdade ter ela aparecido a uma rapariga doente, prometendo-lhe defender a cidade<sup>23</sup>?

Num códice da Biblioteca de Paderborn, existe parte do *Legendarium Bodecense*, assim chamado por causa do mosteiro de Böddeken, a que pertencia. Ora, entre as vidas de santos que lá se encontram, vem uma narrativa da trasladação da mártir S.ta Catarina para o Monte Sinai, com duas aparições de Nossa Senhora naquela montanha povoada de anacoretas. E ali se ergueu uma capela à honra da Virgem SS.ma<sup>24</sup>.

Por seu lado, Dinâmio, a quem Gregório Magno († 604) escreveu uma das suas epístolas, compôs a *Vita B. Marii, Abbatis Bodanensis*, do séc. VI. E nela, o biografado conta ao bispo Lucrécio: «Fui arrebatado em espirito e vi os céus abertos [...] e vi a bem-aventurada Virgem Mãe de Deus», suplicando pela paz da Itália<sup>25</sup>. E pediu ao seu amigo que não revelasse tais coisas, senão depois da sua morte.

Esqueçamos a lenda de S. Bonito, posta em prosa e verso latino e tão parecida à história da casula de S.to Ildefonso<sup>26</sup>. Teria Nossa Senhora aparecido, verdadeiramente, a S. Pedro, anacoreta do Monte Atos, anterior ao séc. VIII? Gregório Pálamas, no séc. XIV,

19. MIGNE, *PL*, t. 179, col. 1684.

20. *Ibidem*.

21. LEROQUAIS, *Les Bréviaires Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, t. 1, Paris, 1934, p. 173; t. 3, pp. 46, 439, 440.

22. *Acta Sanctorum*, Abril, t. 2, dia 11, p. 27.

23. NORMAN H. BAYNES, *The supernatural defenders of Constantinople*, em *Analecta Bollandiana*, t. 67 (Bruxelas, 1949), pp. 172-173.

24. F. HALKIN, *Legendarii Bodecensis menses duo in codice Paderbornensi*, em *Analecta Bollandiana*, t. 52 (Bruxelas, 1934), p. 322.

25. *Acta Sanctorum*, Janeiro, t. 2, dia 27, p. 774.

26. *Id.*, Janeiro, t. 1, dia 15, pp. 1076, 1077.

assim o escreveu, mas diz que foi em sonhos <sup>27</sup>. Pela sua ecumenicidade, interessamos mais certas narrativas intimamente ligadas à expansão e defesa do dogma, pois desempenharam uma função doutrinal de certa envergadura. Acossado pela invasão persa, o monge João Mosco, autor do célebre *Prado Espiritual*, veio finalmente parar a Roma e lá entregou a alma a Deus, depois de ter andado por Jerusalém, Monte Sinai, Egito e Antioquia. Escreveu mais de duzentas vidas e milagres dos ascetas, na maioria seus contemporâneos. Tais páginas percorreram a Europa cristã, no original grego e através de traduções. Ora escreve João Mosco que o abade Ciriaco, junto do rio Jordão, lhe contara uma *visão* que tivera: Em sonhos, aparecera-lhe a Mãe de Deus, ladeada por S. João Baptista e S. João Evangelista — toda bela e vestida de púrpura. Mas, nem a Virgem SS.ma nem os dois santos queriam entrar na cela do abade Ciriaco. *Tens aí o meu inimigo*, dizia-lhe a SS.ma Virgem, *e queres que eu entre?* Sumiu-se a visão. O anacoreta acordou e pôs-se a cismar. Não se lembrava de ter pecado contra a Mãe de Deus. Eis senão quando, ao pegar num códice que lhe emprestara certo padre de Jerusalém, descobriu dois livros de Nestório, no fim do volume. Devia ser deste herege que Mariia falara. Meteu-se, pois, a caminho, entregou o códice ao dono e ambos queimaram gostosamente os dois livros nefandos <sup>28</sup>.

O sonho de Ciriaco parece-nos uma explosão inconsciente duma preocupação recalcada sem nada de maravilhoso. Porém, os homens daquele tempo e daquelas terras não o entendiam assim, tanto mais que liam na Bíblia várias revelações feitas em sonhos. E desta maneira a ortodoxia recebeu o apoio desta *visão* de Nossa Senhora, pela presença da Virgem Maria, a defender a ortodoxia católica contra os escritos gafados de heresia. Ainda outro caso do mesmo género: Cosmiana, mulher do patricio Germano, procurava aproximar-se do sepulcro do Senhor, mas não podia. Bem acordada, *via* a Mãe de Deus impedindo-lhe a passagem, pois Cosmiana pertencia à seita dos acéfalos de Severo, patriarca monofisita de Antioquia, do séc. VI. Apesar de ele ser o autor da oração *Sub tuum praesidium*, espalhada pelo Oriente e Ocidente, a sua mariologia andava longe dos caminhos ortodoxos. Por isso, a Virgem Maria insistiu na sua oposição: não entrarás aqui, antes de te converteres à comunhão da Igreja católica! E assim aconteceu. Veio um diácono e trouxe a Cosmiana o corpo e o sangue do Senhor. Só então ela pôde entrar pacificamente, para venerar o Santo Sepulcro. Foi Anastácio, guarda do Santo Sepulcro, quem narrou tudo isto a João Mosco <sup>29</sup>.

Quem sabe o que se passa no coração do homem? Nem sequer um milagre bem averiguado a dar-nos uma tal ou qual segurança destas aparições. O que sabemos destes videntes reduz-se a quase nada e o testemunho dos factos, embora sincero, não nos garante, só por si, a sua verdade objectiva. Quando um monge da Palestina chora sobre o que irá acontecer ao mundo, por numa visão ter contemplado a Cristo, sentado num trono, e a Virgem Maria, *vestida de púrpura*, impetrando misericórdia para os homens, sem poder dobrar a sua cólera, que podemos nós pensar de tudo isto? Nada de seguro, embora no dia seguinte, continua João Mosco, um tremor de terra destruiu as cidades costeiras da Fenícia — pois nem a SS.ma Virgem aplacara a ira de Deus <sup>30</sup>. Podia ser uma concidência ou uma história forjada a posteriori. Uma coisa é certa: o sentido mariano da piedade cristã, a apontar Nossa Senhora como advogada n.º 1 dos pecadores. Se ela não consegue o perdão de Jesus, ninguém mais o conseguirá. E aqui está o valor universal destes casos, ilusórios ou não: são vivências duma doutrina ecuménica e tendem a enraizá-la ainda mais, no coração do homem.

Deixemos em paz a anedota do comediante de Heliópolis, no Líbano, que blasfemava da SS.ma Virgem. É demasiado artificial <sup>31</sup>. Passemos a S. Gregório Magno, nascido à volta do ano 540, na linha divisória do mundo antigo e da Idade Média. Os seus *Dialogi de Vita et Miraculis Patrum Itallicorum* andam cheios de milagres, visões e

27. *Ib.*, Junho, t. 2, p. 542.

28. MIGNÉ, PG, t. 87, cols. 2900-2901.

29. *Ib.*, cols. 2901-2903.

30. *Ib.*, col. 2905.

31. *Ib.*, col. 2901.

pequenas biografias monacais. Talvez por isso, a Idade Média leu gostosamente estas páginas crédulas, em latim e nas línguas vivas — sem excluir uma versão portuguesa do séc. XIV <sup>32</sup>. É precisamente nestes diálogos antigos que encontramos a aparição nocturna da Virgem Maria a Musa, quase uma criança. Nossa Senhora mostrou-se-lhe, cercada de rapariguinhas vestidas de branco, e perguntou-lhe se queria viver com elas. Musa disse que sim e morreu ao fim de trinta dias, voltando a Mãe de Deus para a levar para o Céu <sup>33</sup>.

Os fiéis gostavam de ler esta narrativa de certa densidade poética. Por isso, a históriazinha de Musa entrou facilmente nas colecções de exemplos, tão lidas e utilizadas na Idade Média. De facto, vamos encontrá-la em castelhano, no *Libro de los Exemplos: Cuenta san Gregorio en Los Diálogos de una moza que le apareció la Virgen Maria...* <sup>34</sup>.

Agora, duas lendas tão espalhadas que talvez fosse melhor não nos demorarmos nelas. A primeira gira em torno de S.to Ildefonso († 667), arcebispo de Toledo. Data da vida escrita por Cixila <sup>35</sup>, na segunda metade do séc. VIII, onde lemos que a SS.ma Virgem apareceu ao santo arcebispo, entregando-lhe uma alva (dizem uns) ou casula (traduzem outros), em recompensa do seu livro em defesa da virgindade da Mãe de Deus. Sobretudo através dos livros de milagres, vasta foi a repercussão desta lenda, aliás desconhecida de Julião de Toledo, primeiro biógrafo e discípulo de S.to Ildefonso <sup>36</sup>. Em prosa e verso, com o nome do arcebispo de Toledo ou sem ele, este milagre andou pelo mundo, posto em latim, em anglo-normando, no francês de Gautier de Coinci, em galaico-português, etc., passando mesmo às *sagas* da velha Escandinávia <sup>37</sup>. Fixando-nos na Península Ibérica, recordamos o *Liber Mariae* <sup>38</sup>, de Frei Gil de Zamora, e sobretudo os versos de Berceo <sup>39</sup> e de Afonso o Sábio <sup>40</sup>, todos eles do séc. XIII. Por esse tempo, o inglês John of Garland, sintetizava tudo em latim rimado:

Archipresul Tholetanus  
Mentem sacram, sacras manus  
Habens, hanc amaverat.  
Infulam hec presularem  
Dedit illi singularem,  
Sacrans quam induerat <sup>41</sup>.

E duas centúrias após John of Garland, num breviário franciscano espanhol, do séc. XV, vemos ainda a Virgem Maria com um anjo, ajudando-a a vestir a maravilhosa casula ao santo arcebispo de Toledo <sup>42</sup>.

Como se vê, floresce nesta lenda a gratidão da Virgem Maria por todos os que a defendem ou cantam os seus louvores. O mesmo acontece no milagre da restituição da mão mutilada de S. João Damasceno († 749). Bendita seja a Mãe de Deus que lhe

32. Bibl. Nac. de Lisboa, códs. alcs. 181, 182.

33. MIGNE, *PL*, t. 77, cols. 348-349.

34. Exemplo núm. 14.

35. MIGNE, *PL*, cols. 47-60. Ha quem atribua esta biografia a Eládio, como Gautier de Coinci.

36. *Id.*, cols. 43-44.

37. JOHN OF GARLAND, *Stella Maris*, ed. por E. Faye Wilson, Cambridge (Massachusetts), 1946, pp. 190-191.

38. Cf. *Boletín de la Real Academia Española*, t. 7, pp. 54-55 (milagres publicados por Fidel Fita).

39. GONÇALO DE BERCEO, *Milagros de Nuestra Señora*, núm. 1.

40. AFONSO O SÁBIO, *Cantigas de Santa Maria*, ed. cit., cant. n. 2.

41. JOHN OF GARLAND, *op. cit.*, n. 38.

42. LEROQUAIS, *Les Bréviaires Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, t. 3, Paris, 1934, p. 74.

apareceu, diz o *Libro de los Exemplos*, e que igualmente lhe falou, *non dormiendo nin velando del todo* <sup>43</sup>!

Famosa entre todas, a aparição de Nossa Senhora de Evesham (Worcestershire) a S.to Egwin e a um pastor, à volta do ano 709. A *Vita S. Egwini*, escrita provavelmente por Britualdo, arcebispo de Cantuária († 731), conta-nos a velha história: «Naquele tempo, havia um lugar na terra de Worcester, coberto de mato e silvedos, actualmente chamado Evesham; o bem-aventurado Egwin pediu-o e recebeu-o do rei de Mércia, Eitelredo. E pôs naquele bosque quatro pastores de guarda, para dar de comer aos servos de Deus. Um deles, chamado Eves, meteu-se um certo dia pelo matagal adentro. Eis que, em certo sítio, estava uma donzela com outras duas, deslumbrante e ofuscando toda a beleza mundanal e a própria luz do sol, com o seu brilho e esplendor. Trazia um livro nas mãos e entoava cânticos celestes, acompanhada pelas sagradas donzelas. Espantou-se o homem, atordoado com tão deslumbrante visão, sem poder contemplar coisas celestiais. Calado e a tremer, voltou para casa e apressou-se a contar tudo o que vira ao santo bispo». Acompanhado por três companheiros e preparado com jejuns e orações, S.to Egwin dirigiu-se ao lugar da visão e apareceram-lhe três donzelas — a do meio era mais bonita do que as outras, tendo um livro e uma cruz de oiro nas mãos. Era a Mãe de Deus. Egwin ajoelhou-se, a Virgem SS.ma abençoou-o com a cruz e desapareceu.

Assim nasceu um dos mais famosos santuários marianos da Inglaterra, protegido pelos papas e pelos reis <sup>44</sup>.

Que Nossa Senhora apareceu ao duque Gisulfo, provavelmente em sonhos (*quadam nocte per visionem*), como poderemos nós afirmá-lo ou negá-lo apodicticamente <sup>45</sup>? E quem não conhece a dantesca visão de S.to Anscário, o apóstolo dos dinamarqueses, dos suecos e da Saxónia? Foi isto no séc. IX. A mãe morrerá-lhe quando ele tinha cinco anos e o pai, pouco depois, meteu-o na escola. Era ainda criança quando, certa noite, lhe pareceu encontrar-se num sítio cheio de lama e escorregadio. Em frente dele, desenrolava-se um caminho ameno, por onde avançava uma formosa senhora, seguida de outras, vestidas branco. Entre elas, via-se a mãe de Anscário. E a Virgem SS.ma perguntou-lhe: *Filho, queres vir ter com a tua mãe?* S.to Anscário respondeu que sim e a Mãe de Deus recomendou-lhe que pusesse de lado os brinquedos e começasse uma vida interior e séria <sup>46</sup>. Sem negarmos a autenticidade do facto, não seria a angústia da mãe falecida que provocaria esta visão?

Por esse tempo, na longínqua Arménia, corria notícia duma aparição que os hagiógrafos colocam no séc. IX, acontecida no mosteiro arménio de Miassenas. Assim nasceu a festa de Nossa Senhora de Miassenas, celebrada, por exemplo, na Roménia <sup>47</sup>. E Nicéforo, confessor e biógrafo de S.to André o Louco, conta-nos como este santo viu, *com os próprios olhos*, uma senhora de alta estatura, que S. João Evangelista e S. João Baptista sustinham nas mãos. *Vês a Senhora e Rainha do mundo?* perguntou o santo ao seu discípulo Epifânio. *Vejo, ó meu pai espiritual!* respondeu ele. Longamente, a Senhora ajoelhou e rezou, chorando muito. Ora, naquele santuário, onde eles se encontravam com muito povo, venerava-se o *Santo Véu* — relíquia trazida de Jerusalém para Constantinopla. Nossa Senhora avançou para ele, tomou-o nas mãos e desdobrou-o majestosamente sobre o povo, como que a protegê-lo <sup>48</sup>. Foi isto no reinado de Leão,

43. Exemplo n. 204. Cf., também, *Acta Sanctorum*, Maio, t. 1, dia 6, pp. 115, 118.

44. *Acta Sanctorum*, Janeiro, t. 1, dia 11, pp. 708-709. Cf., também, p. 712.

45. *Acta Sanctorum*, Setembro, t. 3, dia 10, p. 609.

46. MIGNE, PL, t. 118, cols. 961-962; *Acta Sanctorum*, Fevereiro, t. 3, dia 3, pp. 408-409; H. ROLLIN PATCH, *El otro mundo en la literatura medieval*, México, 1956, pp. 114-115.

47. PIERRE GHERMAN, *Le culte marial en Roumanie*, em *Maria*, t. 4, Paris, 1956, p. 789.

48. *Acta Sanctorum*, Maio, t. 6, dia 28, p. 302; MAURÍCIO VLOBERG, *Les types iconographiques de la Mère de Dieu dans l'art bysantin*, em *Maria*, t. 2, Paris, 1952, p. 439. Não nos esqueçamos destas linhas do mesmo autor (*Ib.*, p. 440): «Il ne faut pas confondre la manifestation du saint Maphorion aux deux anachorètes avec l'histoire d'un autre voile qui, un siècle plus tard, attirait la foule aux Blachernes».

o Sábio (886-912), e tal acontecimento, reproduzido na arte greco-eslava, entrou na liturgia do *Pokrov*, termo russo que significa *protecção*. Como nota Mauricio Vloberg, «le sens de cette vision —l'attitude de la Médiatrice suppliante et la portée de son geste couvrant le monde de son voile— fut développé avec une grandiose poésie dans l'office du Pokrov, que l'Église russe célèbre le 1.<sup>o</sup> octobre et très probablement depuis le XII<sup>e</sup> siècle, époque où la fête y fut établie. Le texte de ces prières, *ikoï* et *kondakia*, insiste sur le symbole de la protection de la Théotokos; la présence du voile palladium préserve la ville contre les Barbares sans foi ni loi, contre la peste et contre le tremblement de terre, et contre la guerre civile sans cesse»<sup>49</sup>.

André, antigo escravo cita, mais tarde canonizado pela Igreja russa, levava a existência dos *iourodivye*, inspirados pela frase de S. Paulo, tomada à letra: *nós néscios por causa de Cristo...*<sup>50</sup>. Este era o seu programa de santificação e grande parte da sua ascese consistia em tomar a aparência de loucos, para serem desprezados do mundo. Quando S.to André viu assim Nossa Senhora, numa igreja de Tsargrad, já o povo o tinha por santo. E a festa do Pokrov, ou do patrocínio da SS.ma Virgem, espalhou-se pelo mundo eslavo.

Já que estamos na Rússia, valerá a pena falar da Virgem de Bogolioubov, em cuja origem está a lenda duma aparição em sonhos, ao príncipe André Bogolioubski, pelos meados do séc. XII<sup>51</sup>? Famosa entre todas é a Virgem de Kiev-Petcherski. Conta-se que, no ano 1073, os dois santos fundadores da *laura* de Petcherski, em Kiev, resolveram erguer uma igreja em honra da Assunção da Virgem. Ora, aconteceu que, pouco depois, chegaram quatro architectos vindos de Tsargrad, perguntando aonde queriam construir a igreja de Nossa Senhora. E que, naquela cidade, estavam eles na igreja onde S.to André vira Nossa Senhora, quando contemplaram a Mãe de Deus, desta vez cercada de guerreiros. E ela disse-lhes: *Quero que se construa, para mim, uma igreja na Rússia, em Kiev*. Eles puseram-se a caminho e assim nasceu o templo e a milagrosa imagem da *Dormição* da Virgem, segundo narra a velha crónica de Petcherski<sup>52</sup>.

Voltemos à Europa ocidental do séc. IX, com a vida do bispo e mártir S.to Estêvão: Segundo uma narrativa do séc. XI, a um cego da Suécia «apareceu-lhe de noite a Virgem, muito bela, perguntando-lhe se queria acreditar no seu Filho, para receber a vista». O pobre homem era pagão, mas disse que sim e que renegaria os ídolos. Começou a ver e acreditou em Jesus Cristo. Desde então, «pôs-se a percorrer todas as regiões circunvizinhas e persuadiu facilmente os pagãos a acreditar naquele que deu vista aos cegos». Vieram missionários e assim se converteu a Suécia<sup>53</sup>.

Deixemos a vida de S. Nilo, que morreu nos começos do séc. XI. Escreveu-a o seu discípulo Bartolomeu, em grego. Conta-nos ele que os mouros, ao cercarem uma cidade da Calábria, viram Nossa Senhora, *vestida de púrpura*, a defendê-la<sup>54</sup>. Mas quantas aparições encontramos deste género, nas gestas guerreiras dos povos cristãos? Pouco vale igualmente a visão em sonhos da *Vita S. Heriberti* († 1021), arcebispo de Colónia, publicada uma centúria mais tarde por Lamberto († 1135). O mesmo acontece numa biografia tardia do abade S. Guido († 1026). S.to Arnulfo, no séc. XI, teria visto Nossa Senhora, acompanhada duma multidão de santas virgens<sup>55</sup>. Tudo isto é bruma incerta, onde nada descobrimos de seguro. Discipulo de S.to Anselmo, o monge Eadmero de Cantuária floresceu no primeiro quartel do séc. XII. Entre várias obras, escreveu a *Vita S. Dunstani* e conta-nos o seguinte: Ao caminhar para um oratório da SS.ma

49. *Ib.*, p. 440.

50. I Cor., 4-10.

51. M. J. ROUET DE JOURNAL, S. J., *Marie et l'iconographie russe*, em *Maria*, t. 2, Paris, 1952, p. 460.

52. *Ib.*, pp. 467-468; M. J. ROUET DE JOURNAL, S. J., *Monachisme et Monastères Russes*, Paris, 1952, p. 79.

53. *Acta Sanctorum*, Junho, t. 1, dia 2, p. 232.

54. *Ib.*, Setembro, t. 7, dia 26.

55. *Acta Sanctorum*, Março, t. 2, dia 16, p. 481; Março, t. 3, dia 31, p. 917; Agosto, t. 3, dia 15, p. 252.

Virgem, o santo escuta vozes maravilhosas a cantar. Espreita pelas frinchas da porta e eis que a Mãe de Deus avança ao seu encontro, acompanhada de numeroso séquito de virgens. E elas cantavam:

*Cantemus, sociae, Domino, cantemus honorem,  
Dulcis amor Christi personet ore pio* <sup>56</sup>.

Toda esta poética narrativa vinha de longe, sendo talvez anterior à biografia que dele também escreveu Osberno de Cantuária, no séc. XI. Vinha de longe e seguiria ainda para mais longe, em prôsa e verso. Frei Gil de Zamora registou-a no seu *Liber Mariae* <sup>57</sup>, e Afonso o Sábio dedicou-lhe uma das *Cantigas de Santa Maria*:

Ele natural d'ũa terra  
foi que ora é chamada  
Cantaaria per nome,  
viçosa et avondada;  
et ali sempre fazia  
su vida et ssa morada,  
servind' a Groriosa  
que aos seus non falece.  
[.....]  
et pois foi en a eigreja,  
deitou-sse logo festynno  
ant' a capela da Virgen  
que os ceos escrarece.

*A Madre de Jhesu-Christo  
vedes a quen aparece...*

E él de noite jazendo,  
chegaron y muitos santos  
con a Virgen groriosa,  
cantando mui dulces cantos.

E as virgens cantavam em coro, diante de S.ta Maria:

Amigas, mui ben cantemos  
ant' aquesta que nos guia,  
que a ssa gran fremosura  
mais ca o sol esprandece <sup>58</sup>.

A hora da morte, a mãe de S. Leão IX († 1054) contempla Nossa Senhora, segundo escreve Wiberto, contemporâneo e biógrafo deste papa <sup>59</sup>. E é ela mesma, então abadessa do mosteiro de Santa Cruz, em Roma, que pede para não chorarem, pois a Virgem SS.ma viera consolá-la. Na segunda metade do séc. XI, S.to Anselmo de Luca († 1086) entregou a alma a Deus. Um padre ordenado por ele publicou a biografia deste bispo e narra-nos como Nossa Senhora apareceu a S.to Anselmo, durante a missa: *vidit ipsam corporeis oculis...* <sup>60</sup>. E assim por diante, pois seria possível recolher mais casos, através dos escritos hagiográficos.

56. MIGNE, *PL*, t. 159, cols. 795-796. A *Vita S. Dunstani, Episcopi Cantuariensis*, por Osberno, também descreve esta aparição. Cf. *Acta Sanctorum*, Maio, t. 4, dia, 19, p. 373. S. Dunstano morreu à volta de 988.

57. Publicada por Fidel Fita no *Boletín de la Real Academia Española* t. 13, pp. 193-194.

58. *Cant.* 288.

59. *Acta Sanctorum*, Abril, t. 2, dia 19, p. 656.

60. *Ib.*, Março, t. 2, dia 18, p. 656.

Como já dissemos, o mito e a lenda podem exercer uma acção histórica superior à de muitos factos realmente acontecidos. Agem na medida em que são aceites como reais. No tempo de Guilherme o Conquistador († 1087), quando o abade Elsinio voltava para a Inglaterra, sobre o mar amargo, as águas abriam-se debaixo da quilha frágil do navio e as ondas rolavam altas como grandes colinas vagabundas. Foi então que Elsinio e os companheiros gritaram por socorro, a Deus e à Virgem Maria, enchendo de gritos a solidão do mar. Eis que lhes aparece um homem vestido de vestes pontificais: Se queres salvar-te, diz ele ao santo abade, promete celebrar a festa da Conceição da Mãe de Deus <sup>61</sup>. O honrado Elsinio prometeu e cumpriu. Pois bem, tal lenda marítima entrou nos breviários, fixou-se na *Legenda Aurea* e o povo viu nela mais uma prova da santidade da Conceição da Virgem Maria. E era, na verdade, algo de dramático, capaz de falar ao coração das multidões. Com pequenas modificações, John of Garland meteu esta narrativa na *Stella Maris* <sup>62</sup> e vamos encontrá-la, também, entre as obras espúrias de S.to Anselmo de Cantuária († 1109), em forma de sermão <sup>63</sup>. Ora, neste sermão surgem igualmente duas aparições da Mãe de Deus — uma delas a um diácono e a outra a um sacerdote libidinoso, cercado pelos demónios, no meio do rio. E em ambas ouvimos a SS.ma Virgem suplicar que celebrem todos os anos a festa da sua Conceição <sup>64</sup>. Não era a Imaculada Conceição (pelo menos dum modo explícito) mas tudo se encaminhava neste sentido. Enfim, temos o breviário chamado de *Saint Bénigne de Dijon*, do séc. XIV. Numa das suas iluminuras, a Virgem Maria aparece sobre o mar, ao abade Elsinio e aos companheiros, durante a tempestade que ameaça afundar o navio <sup>65</sup>.

Estamos ainda no séc. XI, com Maurílio, arcebispo de Rouen. Foi ele o autor da oração 49, atribuída a S.to Anselmo de Cantuária. E conta-nos a aparição da SS.ma Virgem a um servo de Deus. —Sabes quem sou eu? pergunta ela. —Não, Senhora, respondeu o servo de Deus. —*Eu sou a Mãe de Misericórdia!* <sup>66</sup>.

S. Hugo, abade de Cluny, morreu em 1109. A volta de 1115, o bispo Hildeberto escreveu a vida deste monge famoso e conta-nos como S. Hugo falou duma aparição de Nossa Senhora a uma certa pessoa, na noite de Natal, com o Menino Jesus nos braços. E os seus discípulos, ao escutarem-no, entenderam que essa pessoa era ele mesmo, a quem a Mãe de Deus visitara naquela noite santíssima <sup>67</sup>. E que dizer da aparição da SS.ma Virgem ao bem-aventurado Bernardo († 1114), fundador da Congregação de Tyrone, na Gália? O monge Gaufrido, seu discípulo e biógrafo, diz-nos que uma vez, depois de completas, o abade Bernardo vira Nossa Senhora. Vestida de branco e toda refulgente, ela promete levá-lo para o céu, depois de muitos trabalhos e sofrimentos. Bernardo ouviu e ficou maravilhado. E foi por um velho monge que Gaufrido soube desta aparição <sup>68</sup>.

Ao longo do séc. XII, vão surgindo novas narrativas de visões da Mãe de Deus e os livros de milagres arquivam uma quantidade delas (e outras mais antigas). Mais uma vez, Dante poderia inspirar-se nalgumas destas páginas, para escrever a sua *Divina Comédia*. O monge Helinando fala-nos dum noviço às portas da morte. Também ele fez uma curta viagem ao outro mundo, não pela mão de Virgílio ou de Beatriz, mas, sim, guiado por S. Bento. Perseguidos pelos demónios, subiram por uma escada misteriosa e chegaram a uma região luminosa e puríssima. No ar, pairava uma capela cheia de gente, com Nossa Senhora sentada ao centro, *como o sol entre as estrelas*. S. Bento apresentou-lhe o noviço e ela fê-lo jurar que sempre a serviria: *jura mihi*

61. MIGNE, *PL*, t. 159, cols. 323-326.

62. JOHN OF GARLAND, *op. cit.*, n. 34.

63. MIGNE, *PL*, t. 159, cols. 319-324.

64. *Id.*, cols. 320-322.

65. LEROQUAIS, *Les Bréviaires Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, t. 2, Paris, 1934, p. 236 (a iluminura vem na fl. 347v. deste breviário de Dijon).

66. MIGNE, *PL*, t. 158, cols. 946-947.

67. *Acta Sanctorum*, Abril, t. 3, dia 29, p. 646.

68. *Id.*, Abril, t. 2, dia 14, p. 227.

*super illud altare et vove quod mihi servies semper* <sup>69</sup>. Grandes foram as maravilhas que o noviço contemplou —uma cidade de oiro, árvores formosas, pássaros cantores, etc. Mas, a nós interessa-nos unicamente a SS.ma Virgem— ou a Mãe de Misericórdia, como diz Helinando. É a chamada visão de Gunthelm, no ano 1161 <sup>70</sup>.

Antes dela, temos a *Vita et visio simplicis Orm*, com uma criança de 13 anos por protagonista. Orm, natural do nordeste da Inglaterra, faleceu com 14 anos de idade, em 1126. Trata-se duma biografia escrita muito perto dos acontecimentos, em 1126 ou pouco depois. O seu autor, um tal Sigar, devia ser pároco de Newbald (actualmente North Newbald). Mas, embora contemporâneo dos factos e geográficamente muito próximo deles, o certo é que Sigar se deixou influenciar por algumas fontes literárias, pois uma criança nunca revelaria a erudição que se estadeia nestas páginas. Como nota o beneditino Hugh Farmer, «it seems clear that he would have been incapable of describing the vision in the form written by Sigar with its apposite Scriptural and liturgical quotations and its reminiscences of Bede's account of the vision of Drythelm. As in other similar accounts, much of the detail must be the work of the narrator, who also asked the visionary several questions and perhaps thereby suggested to him elements in the story which would otherwise have been unknown. All who have tried to interpret the data of visions know how difficult it is to distinguish what was seen by the visionary from what was interpolated by the narrator: two elements to be attributed to each in this case must be left to the judgement of the reader. Another likely external influence on Orm (or Sigar) was contemporary art. The Mouth of Hell, for example, had been a favourite English theme since pre-Conquest Winchester illumination, and it continued in such influential Romanesque works as the Gloucester Psalter now at Munich. Such a theme might well have been depicted in the neighbouring churches, where paintings of S. Michael may also have suggested the unusual, if not unique, choice of this saint as a guide through the various states of the future life» <sup>71</sup>.

Isto que se afirma da visão de Orm podíamos aplicá-lo, igualmente, a muitas outras narrativas similares. Seja como for, Orm, guiado por S. Miguel, viu as maravilhas do Céu, entre elas Nossa Senhora, com uma cruz de oiro nas mãos: *Et vidi sanctam Mariam matrem Domini stantem a dextris Dei, crucem auream in manu tenentem* <sup>72</sup>. E que fazia ela? Não tinha uma espada justiceira nas mãos, como os 12 apóstolos. Pelo contrário, intercedia por todo o povo <sup>73</sup>.

Orm encontrava-se gravemente doente quando teve esta visão. O seu depoimento, aliás adulterado pelas interpolações de Sigar, lembra-nos um eco inconsciente doutras visões semelhantes que corriam de boca em boca e eram copiadas de códice em códice ...algumas delas nascidas das alucinações da febre. E coisa parecida afirmaremos de aparições, em sonho— como a do monge e anacoreta Balduino de Boucle, de quem escreve Paul Grosjean: «est un de ces saints personnages que seules, semble-t-il, des circonstances adverses ont privés des honneurs des autels» <sup>74</sup>.

Balduino viveu no séc. XII e um seu companheiro escreveu a biografia deste santo que nos lembra, por vezes, as páginas das *Fioretti*: os lobos das florestas de Waas, na Flandres, tornam-se simpáticas criaturas de Deus e Balduino passa por meio das alcateias como se fossem rebanhos de ovelhas, e três lobos conduzem fraternalmente três cabrinhas à sua ermida. Quanto à *Domina Charitas*, de Balduino de Boucle, equivale à *Dona Pobreza*, de S. Francisco de Assis. Contudo, a paisagem nórdica nada tem das doçuras da Umbria. Um dia, estava Balduino a dormir, quando lhe apareceu a Virgem Maria exortando-o à construção dum mosteiro. Na noite seguinte, nova visão em sonhos.

69. MIGNE, *PL*, t. 212, col. 1061.

70. *Ib.*, cols. 1060-1063.

71. HUGH FARMER, *The Vision of Orm*, em *Analecta Bollandiana*, t. 75 (Bruxelas, 1957), p. 74.

72. *Ib.*, p. 79.

73. *Ib.*, p. 81.

74. PAUL GROSJEAN, *Vie de Baudouin de Boucle*, em *Analecta Bollandiana*, t. 70 (Bruxelas, 1952), p. 182.

Terceira visão e Balduino lança, finalmente, mãos à obra <sup>75</sup>. Porém, como diz Calderón de la Barca, sonhos são sonhos, embora Deus se tivesse servido deles para muita coisa boa.

Falemos, agora, de três freiras — a beata Herluca († c. 1127), S.ta Hildegarda († 1179) e S.ta Isabel de Schönau († 1165). Solitária em Eppach, a bem-aventurada Herluca pertence ao círculo de monges e freiras que, nos começos do séc. XII, seguiam a reforma de Hirsau, na Baviera. Aluna de Guilherme de Hirsau, entrou depois em relações com Paulo de Bernried, biógrafo de Gregório VII e autor da *Vita Herlucae*. Um dia, ao aproximar-se do altar, para receber a sagrada comunhão, Herluca viu a Mãe Deus, no medio de grande multidão de santos <sup>76</sup>. Abriu os lábios, para receber a hóstia, e a aparição desfez-se. Quanto à abadessa S.ta Hildegarda, a misteriosa e perturbadora *sibila do Reno*, não foi em vão que lhe deram tal nome. Escritas por ela, as *Scivias* são tão vagas e cheias de símbolos que dificilmente enxergamos claro nestas visões em estilo um tanto apocalíptico. E a santa visionária fala-nos, muitas vezes, de *luz e aurora*, que significam a Mãe de Deus — como se ela lhe aparecesse sob o símbolo duma madrugada que irrompe da noite, trazendo em si o sol Jesus <sup>77</sup>.

Um vasto capítulo à parte, eis o que merecia S.ta Isabel de Schönau, priora beneditina dum mosteiro dúplice, no tempo do abade Hildelin. S.ta Isabel entrara para lá aos doze anos. Piedosa, penitente e apaixonada observante da *Regra de S. Bento*, a partir de 1152 começou a ter êxtases e visões estreitamente ligados à festa litúrgica de cada dia. Cristo, a Virgem SS.ma, o anjo da guarda e vários bem-aventurados iam-lhe aparecendo, nos vários ciclos do ano religioso, sobretudo durante a missa, quando rezava as horas canónicas ou, então, depois de ler as vidas dos santos. O que ela via e ouvia ia-o pondo em tabuinhas de cera. Um dia, o abade Hildelin disse-lhe para relatar estas visões ao irmão dela, o P. Eckbert, sacerdote da igreja de Bonn e, mais tarde, monge e abade do mosteiro de Schönau. Hesitou muito, com receio de a terem por ilusa ou mentirosa. Finalmente, sempre obedeceu. Com a ajuda das tabuinhas de cera, foi contando tudo a Eckbert. Desta forma, nasceram três livros de visões, sob o nome de S.ta Isabel de Schönau <sup>78</sup>. O primeiro, em estilo simples, deve ser obra directa da freira beneditina. Os dois outros, cheios de retórica, termos teológicos, anacronismos, erros históricos e ideias próprias de Eckbert, pertencem muito mais a este do que à irmã. Quase que nos limitamos às visões do primeiro livro (também ele discutido e sobre o qual a Igreja nunca se pronunciou). Quer em latim, quer traduzidas em italiano, islandês e francês, tais revelações (verdadeiras ou falsas, mas sempre sinceras, por parte de Isabel de Schönau) correram mundo e exerceram certa influência, embora não tanta como os escritos de S.ta Hildegarda.

A frequência alucinante dar aparições, que S.ta Isabel nos conta, faz-nos pensar na frase acertada do *Liber de miraculis beatissimae Virginis Mariae*, do cód. alc. 39: *Miracula fiunt raro, fraudes crebro* <sup>79</sup>. Aqui, não se trata propriamente de fraudes, no que toca à sinceridade da santa visionária. Porém, talvez o seu temperamento fosse um pouco doentio. Além disso os livros de S.ta Hildegarda, sua amiga, causaram nela uma impressão avassaladora. Tanto numa como noutra, a mesma sensação de luz.

Num dia de sábado, conta-nos ela, quando principiava a missa de Nossa Senhora, «entrei em êxtase. E o meu coração abriu-se e vi no ar uma grande roda de luz, semelhante à lua cheia, mas quase duas vezes maior. E penetrei com o olhar através da roda e vi uma figura de rainha que estava no alto, como que vestida muito de branco e envolta num manto de púrpura. Logo entendi que era a excelsa rainha do Céu, Mãe do Salvador, a quem sempre desejara contemplar. E quando eu a fitava ardentemente, ela prostrou-se três vezes, orando diante duma luz que estava à sua frente. Porém,

75. *Ib.*, pp. 200-201.

76. DAMIEN VAN DE EYNDE, *Un nouveau complément à la Vita Beatae Herlucae*, em *Analecta Bollandiana*, t. 71 (Bruxelas, 1953), p. 324.

77. MIGNE, *PL*, t. 197, cols. 442, 446, 448, 483, 572, 692, etc.

78. Cf. F. W. E. RÁTH, *Die Visionen und Briefe der hl. Elisabeth*, Brünn, 1886.

79. *Bibl. Nac. de Lisboa*, cód. alc. 39, fl. 349v.

ao prostrar-se pela quarta vez, pareceu-me que se demorava muito e, ao levantar-se, virou-se para mim e desceu um pouco ao meu encontro [...]. E parando, a minha Senhora fez sobre mim o sinal da cruz, gravando estas palavras na minha alma, não sei de que maneira: *Não tenhas medo, nenhum mal te acontecerá por causa disto. Não ouvi o som de voz alguma, unicamente vi claramente o movimento dos seus lábios. Depois disto, voltou para dentro da sua luz*»<sup>80</sup>.

Noutro sábado, apareceu-lhe novamente a Mãe de Deus, durante a reza do ofício, no meio de celeste claridade. Na igreja, os padres cantavam os seus louvores e, no versículo *Ora, Virgo, nos illo pane coeli dignos effici*, a Virgem Maria ajoelhou a rezar, ficando assim até ao evangelho. «Desde então até hoje, quase todos os sábados e algumas vezes noutros dias, tive habitualmente a mesma visão, quando se cantava o ofício da Virgem Maria». Uma vez, eu chorava amargamente, por causa duns sonhos diabólicos, pedindo a Nossa Senhora que me confortasse. «E eis que, de repente, brilhou a tal luz celeste e de lá avançou a minha consoladora, descendo um pouco e pondo-se na minha frente. E eu, de olhos fitos nela, observava cuidadosamente os movimentos dos seus lábios e percebi que pronunciavam o meu nome: Isabel. E nada mais ajuntou»<sup>81</sup>.

As aparições sucedem-se umas às outras, envoltas num halo de luz e quase sempre silenciosas. «Na vigília da Assunção, continua S.ta Isabel de Schönau, quando eu rezava com todo o fervor, aconteceu, de repente, que os meus lábios sentiram-se movidos a dizer: *Estas são as palavras consoladoras que a lingua pronuncia, visto ser preciso consolar a alma perturbada*. E entrei em êxtase e contemplei a visão que costumo ter aos domingos. Além doutras coisas, vi a minha Senhora erguendo-se do seu glorioso trono e saindo daquela grande luz, que eu contemplava como por uma porta. Cercavam-na três grandes grupos de mulheres. As que vinham mais perto traziam na frente o sinal do martírio. Seguiam-se as que traziam uma coroa na cabeça, sem sinal nenhum. As últimas andavam de véu branco. A direita da Senhora, vinha um amável e gloriosíssimo varão, que se distinguia pela estola sacerdotal. A aparição durou um pouco de tempo, no ar inferior». Depois, a Virgem SS.ma recolheu-se novamente à luz donde saíra»<sup>82</sup>.

Como poderia S.ta Isabel de Schönau contemplar as onze mil virgens? No entanto, ela diz-nos que sim<sup>83</sup> e isto deixa-nos um pouco perplexos, acerca da verdade objectiva das outras aparições. Mais duma vez, viu descer a Virgem Maria por um *raio de luz* e subir outra vez, por ele<sup>84</sup>. Houve casos em que Nossa Senhora não pronunciava uma única palavra. Porém, na tarde do dia da Purificação da Mãe de Deus, esta falou, numa frase curta e cheia de promessas: *Podés esperar a minha boa graça, tu e todos os que confiam em mim*»<sup>85</sup>.

Quantas maravilhas contemplou S.ta Isabel de Schönau! Morreria havia pouco uma freira do mosteiro de Dierst. A comunidade de Schönau rezava pela sua alma, quando S.ta Isabel viu a SS.ma Virgem, como que pairando *na região do ar inferior e olhando para nós*. E mal as freiras terminaram os seus deveres religiosos para com a defunta, Nossa Senhora subiu novamente para o céu, na companhia do *anjo do Senhor*. S.ta Isabel também nunca pôde esquecer a alegria sentida ao contemplar a *sua Senhora*, numa região afastada, *numa casa longinqua, à maneira de quem está deitada no leito, apertando nos braços um bellissimo menino*. Enfaixou-o, pô-lo no presépio e, pouco depois, pegou nele ao colo. Seguidamente, viu-a no céu. Desta vez, S.ta Maria falou-lhe<sup>86</sup>.

Na visão das bodas de Caná, lá estava a SS.ma Virgem, entre os convidados<sup>87</sup>. E que bela a Anunciação da Senhora! Quando esta rezava, veio um *anjo de grande claridade, como que falando com ela*. A seguir, a Mãe de Deus *inclinou-se reverentemente,*

80. *Acta Sanctorum*, Junho, t. 3, dia 18, p. 612.

81. *Ib.*, p. 613.

82. *Ib.*, p. 615.

83. *Ib.*, p. 617.

84. *Ib.*, p. 618.

85. *Ib.*, p. 619.

86. *Ib.*, p. 623.

87. *Ib.*, p. 624.

perante ele, e o anjo desapareceu<sup>88</sup>. A 15 de Agosto de 1157<sup>89</sup>, surge a famosa visão da Assunção de Nossa Senhora — mas estamos já nos domínios duvidosos em que Eckbert tem mais responsabilidades do que a irmã. Mas, o certo é que esta página correu o vasto mundo, transcrita, resumida, comentada, sobretudo no marial de S. Vicente de Beauvais e na *Legenda Aurea* de Jacobo de Vorágine: «Lê-se nas revelações de S.ta Isabel, diz este<sup>90</sup>, que um dia, arrebatada em espírito, ela viu um sepulcro cercado de muita luz e duma multidão de anjos, num lugar afastado, e lá dentro a figura duma mulher; e a mulher saiu em seguida do sepulcro e foi levantada nos ares. E do alto do Céu veio ao seu encontro um homem admirável e glorioso, com o estandarte da cruz, na mão direita, e uma infinita multidão de anjos atrás. Com muita alegria, eles receberam esta mulher e acompanharam-na ao Céu, a cantar. Pouco tempo depois e a propósito desta visão, Isabel interrogou um anjo com quem frequentemente se entretinha. E ele respondeu-lhe: *Nesta visão, foi-te revelado que Maria, nossa soberana, foi levada ao céu em corpo e alma*».

S.ta Isabel de Schönau correspondeu-se com S.ta Hildegarda, cujas visões simbólicas e temperamentalmente germânicas espantavam o mundo de então. Declara-se *humilde monja e mestra das irmãs que vivem em Schönau* e queixa-se das *palavras ineptas e mentirosas* que o povo dizia a seu respeito. Não só o povo mas também os monges e freiras dos mosteiros. Tudo isto a afligia, pois escarneciam da graça que Deus lhe dera. Contudo, eles faziam ainda pior: havia quem lhe atribuisse cartas acerca do dia do Juízo, que ela nunca escrevera. Felizmente, o Anjo do Senhor aparecia-lhe, dando-lhe coragem para suportar tudo isto<sup>91</sup>. S.ta Hildegarda respondeu-lhe naquele estilo tão seu, iluminada por Deus: *de serena luce dico...* E vai consolando a sua filha Isabel. Mas que sejam humildes aqueles a quem Deus inspira, pois não passam de vasos frágeis<sup>92</sup>.

Piedosas, mortificadas e cheias de zelo, tanto S.ta Hildegarda como S.ta Isabel de Schönau deixam uma impressão de sinceridade absoluta. Daí até à verdade objectiva das suas visões (sobretudo tomadas integralmente) vai uma distância enorme que ninguém de seguro critério ousará transpor. Apesar disso, as *aparições* de Nossa Senhora a S.ta Isabel de Schönau constituem, na Idade Média, o que há, talvez, de mais típico, naquilo a que poderíamos chamar *visionarismo mariano*.

Como se vê, era nas Ordens Religiosas que mais floresciam as aparições da SS.ma Virgem e a monges-escretores devemos a maioria dessas narrações. S. Roberto, fundador da Ordem de Cister, teve por biógrafo um monge anónimo do séc. XII. Antes de ele nascer, Nossa Senhora teria aparecido a sua mãe, Ermegarda, mostrando-lhe um anel: *Ermegarda, quero que o filho que trazes no seio me tome por esposa*, diz ela<sup>93</sup>. Os anos foram correndo e S. Roberto entregou a alma a Deus. Ora, o seu discípulo Alberico continuou a sua obra monástica e conta-se que a Mãe de Deus lhe apareceu, mostrando-lhe um hábito branco para os monges trazerem dali em diante. Lenda? Sem dúvida, por sinal bastante tardia, tanto aqui como no caso de S. Norberto, fundador dos premonstratenses<sup>94</sup>. No entanto, na Ordem de Cister começou a haver uma festa em honra da SS.ma Virgem, comemorando a aparição ao monge Alberico: *Descensio beatae Mariae Virginis in Cistertium et miraculosa mutatio habitus de nigro in album colorem sub sanctissimo Alberico*<sup>95</sup>.

A piedade mariana de S. Bernardo de Claraval († 1153) fez nascer uma autêntica constelação de lendas, em torno deste monge justamente classificado de cavaleiro de Maria. Que Nossa Senhora se lhe tivesse revelado, na companhia de S. Lourenço e de

88. *Ib.*, p. 625.

89. *Ib.*, p. 635.

90. No dia 15 de Agosto, ao tratar da festa da Assunção da Senhora.

91. MIGNE, *PL*, t. 197, cols. 214-216.

92. *Ib.*, cols. 216-218.

93. MIGNE, *PL*, t. 157, col. 1271.

94. *Ib.*, t. 170, col. 1293.

95. HÉLYOT, *Dictionnaire des Ordres Religieux*, t. 1, Paris, 1847, col. 926.

S. Bento <sup>96</sup>, não podemos negá-lo *a priori* <sup>97</sup>. No entanto, seria uma visão autêntica, como afirma Guilherme, ou alucinação da febre? Na verdade, S. Bernardo encontrava-se então, às portas da morte. Porém, depois de Nossa Senhora e dos dois santos lhe tocarem no corpo dorido, o grande abade de Claraval sentiu-se *imediatamente* curado. Se os factos se passaram assim, não podemos negar, sem mais nem mais, esta misericordiosa aparição. Infelizmente, os biógrafos, mesmo contemporâneos dos acontecimentos, desvirtuavam muitas vezes os factos numa tendência *sobrenaturalizante* mais ou menos inconsciente. As outras aparições carecem de qualquer base histórica e procuramos, em vão, tais factos nas legendas primitivas de S. Bernardo. Em Spira, a imagem de Nossa Senhora corresponde à saudação do santo. Num mosteiro beneditino da Bélgica repete-se a estranha maravilha de Spira. Acima de todos, o milagre do leite, que a arte eternizou: A Virgem SS.ma aparece a S. Bernardo de Claraval, com o Menino Jesus nos braços e dá também do seu leite ao santo abade <sup>98</sup>. Enfim, ele viu a Mãe de Deus entre dois anjos, um deles com o tribulo e o outro com o incenso. E escutou o canto da salve-rainha, do principio ao fim, fixou-a no coração e espalhou-a pelo mundo! <sup>99</sup>. Tais lendas concorreram, apesar de tudo, para um maior enraizamento da devoção a Nossa Senhora na Ordem de Cister e na Cristandade (e não seremos nós a negar esta missão histórica).

Deixemos em paz o *Liber de Passione Christi*, já existente num códice do séc. XIII, onde a Virgem Maria narra as dores por ela sofridas na Paixão. Nada nos garante que tal peça literária seja de S. Bernardo de Claraval <sup>100</sup>. Ainda assim, Mestre André Dias, na primeira metade de quatrocentos, tomou estas páginas a sério, para escrever o seu *planto da Virgem sancta Maria, que feze sam Bernardo na morte e paixom do boom Jhesu* <sup>101</sup>. Muito se conta de aparições de Nossa Senhora, nas legendas dos santos! Diz a *Vita Sancti Hugonis, Abbatis Bonae Vallis*, monge cisterciense do séc. XII, que ele pensara um dia em abandonar o mosteiro: Entrou na igreja, rezou e eis senão quando vê a *Mãe de Misericórdia*, cercada de luz, para o consolar <sup>102</sup>. Por seu lado, Cristiano, irmão leigo da abadia de Aumone, no séc. XII, também contemplou a Mãe de Deus. Conta a sua biografia, escrita em 1174, que ao comungar viu Santa Maria — e então, o sangue de Cristo, do santo cálix, soube-lhe verdadeiramente a sangue. Noutra ocasião, ergueu os olhos ao céu e descobriu a Virgem Maria intercedendo pelos pecadores. Tais visões vinham de longe, desde os começos da sua vida religiosa. Era ele ainda noviço, quando vê repentinamente uma claridade imensa que avançava do Oriente, a envolver as hostes celestes dos anjos, com Nossa Senhora no meio deles. Como era bela a Mãe de Deus! Cheio de alegria, Cristiano começou a perguntar: *E para onde vai a Senhora, para onde vai a Senhora?* E Santa Maria respondeu: *Venho socorrer esta atribulada abadia e os pobres que em mim puseram a sua esperança* <sup>103</sup>.

Recordemos, agora, a colecção de milagres, escrita pelo venerável Pedro, abade de Cluny († c. 1131). Num deles, refere-se à aparição de Nossa Senhora a S. Hugo de Cluny, na noite de Natal — e vinha com o Menino Jesus e uma multidão de anjos cercados de luz. Alegrementemente, o Menino Deus batia as mãos e dizia: *Mãe, vês como se aproxima a noite do meu nascimento [...] e tudo o que há no céu e na terra se alegrará por eu nascer de ti?* <sup>104</sup>. Mais adiante, é um frade cartuxo, a quem a Mãe de Deus dirige palavras misericordiosas <sup>105</sup>.

96. MIGNE, *PL*, t. 185, cols. 258-259.

97. *Ib.*, col. 258.

98. *Ib.*, cols. 874 e ss.

99. *Acta Sanctorum*, Agosto, t. 4, dia 20, p. 248.

100. MIGNE, *PL*, t. 182, cols. 1133 e ss.

101. MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, Mosteiro de Singeverga, 1951, pp. 130-131.

102. *Acta Sanctorum*, Abril, t. 1, dia 1, p. 47.

103. JEAN LECLERCQ, *Le texte complet de la vie de Christian de l'Aumône*, em *Analecta Bollandiana*, t. 71 (Bruxelas, 1953), p. 46, 49; MAURICE COENS, *La Vie de Christian de l'Aumône*, em *Analecta Bollandiana*, t. 52 (Bruxelas, 1934), p. 20.

104. MIGNE, *PL*, t. 189, col. 880.

105. *Ib.*, cols. 946-947.

Nossa Senhora aparece a S. Bartolomeu, abade dum mosteiro na Calábria, morto à volta de 1130<sup>106</sup>, sacia com pão um monge recluso da Ordem de S. Bento<sup>107</sup>, manifesta-se, em sonhos, a S. Pedro de Trevi, no séc. XI, revela-se, num êxtase, a S. Rainério, solitário de Pisa († 1160), quando ele andava pela Terra Santa<sup>108</sup>, etc. Quem poderá enumerar todas estas maravilhosas manifestações da Mãe de Deus e (o que é bem mais difícil) quem poderá avaliar a sua verdade objectiva? Na vida do beato Frederico, abade premonstratense falecido em 1175, conta-nos Sibrando († 1238) como a Virgem Maria apareceu a Frederico, dizendo-lhe que abandonasse o mundo<sup>109</sup>. E ele refugiou-se na vida cenobítica e foi construtor de mosteiros. Enfim, Nossa Senhora aparece a S. Bogumilo († 1182), à hora da morte<sup>110</sup>, — e permita o leitor que façamos aqui uma ligeira pausa, para citarmos algumas páginas hagiográficas, claramente lendárias.

A Virgem S.ta Rosália, padroeira da Sicília contra a peste, morreu na segunda metade do séc. XII, mas sómente quatrocentos anos mais tarde apareceu a sua biografia, com aparições marianas apócrifas<sup>111</sup>. Acerca de Nossa Senhora de Puy (um dos grandes centros de peregrinações da Idade Média) começou a correr que, no séc. I, uma viúva teve em sonhos uma visão de Nossa Senhora, revelando-lhe que queria ser venerada dos homens naquele lugar<sup>112</sup>. No poema norueguês *Draumkvadet*, escrito por um anónimo do final do séc. XIII ou princípios do séc. XIV, regista-se o caso de Olaf Asteson, herói antigo. Pela festa do Natal, Olaf cai num sono extático e percorre o outro mundo — o purgatório, o céu e o inferno. E ao acordar, contou como vira a Virgem Maria, na terra dos bem-aventurados. Foi a única pessoa que Olaf reconheceu e viu-a descer misericordiosamente ao purgatório<sup>113</sup>. Na Península Ibérica, basta recordar as lendas da aparição de Nossa Senhora a Egas Moniz, registada numa crónica dos meados de quatrocentos, <sup>114</sup>, a D. Alfonso VI († 1109), de Espanha, à princesa muçulmana Élima e a seu irmão Ali<sup>115</sup>, tudo narrativas tardias e que nem vale a pena discutir. Em última análise, todas elas enraizam flácida e incerta na bruma incerta das lendas orais e na tradição do folclore popular, nunca, porém, em documentos sérios.

A *Legenda Dourada* ou *Flos Sanctorum* de Jacobo de Vorágine († 1298) espalhou pelo mundo uma quantidade de *aparições* da SS.ma Virgem: a um sacerdote inglês do tempo de S. Tomás de Cantuária († 1170), a uma piedosa matrona a quem a Mãe de Deus se revelou na festa da sua Purificação, a S. Leão Magno, à criança judia de Bruges, a um sacerdote pecador, etc.<sup>116</sup>. Lenda? Tudo leva a crer que sim. Contudo, a piedade mariana da Idade Média alimentou-se destas narrativas e a proximidade *quase física* de Nossa Senhora parecia, então, uma coisa menos extraordinária do que hoje em dia.

Evidentemente, não basta que a liturgia nos fale de tal ou tal aparição para que ela seja aceitável (e isto é ainda mais verdadeiro no que diz respeito a certas liturgias orientais, por exemplo a etiópica). Sobre o monte Quesquâm, em Al-Muharraqah, na margem esquerda do Nilo, fundaram os abissínios um pequeno mosteiro, que mais tarde floresceu muito, principalmente nos sécs. XIV e XV. Tal mosteiro teria a sua origem em S. Teófilo de Alexandria, tio de S. Cirilo, no tempo do imperador Teodósio. Diz G. Nolle que, segundo um texto litúrgico chamado *testemunho de S. Teófilo*, Nossa

106. *Acta Sanctorum*, Agosto, t. 8, dia 19, p. 817.

107. *Ib.*, Abril, t. 1, dia 7, p. 676.

108. *Ib.*, Agosto, t. 6, dia 30, p. 641; Junho, t. 3, dia 17, p. 431.

109. *Ib.*, Março, t. 1, dia 3, p. 291.

110. *Ib.*, Junho, t. 2, p. 358.

111. *Ib.*, Setembro, t. 2, dia 4.

112. A. MABILLE DE PONCHEVILLE, *Pèlerinages aux grands sanctuaires français de Marie*, em *Maria*, t. 4, Paris, 1956, p. 116.

113. BENOIT THIERRY D'ARGENLIEU, *Marie Reine du Nord*, em *Maria*, t. 4, Paris, 1956, p. 425.

114. *Crónicas dos sete primeiros reis de Portugal*, ed. por Carlos da Silva Tarouca, t. 1, Lisboa, 1952, pp. 12-13.

115. NAZARIO PÉREZ, *Historia Mariana de España*, t. 1, Santander, 1940, pp. 82-83.

116. *Legenda Dourada*, nos dias 29 de Dezembro, 2 de Fevereiro, 28 de Junho, 15 de Agosto, 8 de Setembro.

Senhora apareceu a este santo varão, revelando-lhe que ela morara 1260 dias naquele monte, «avec Joseph, l'Enfant et Salomé, sa cousine. Elle confie donc à Théophile toutes les tribulations de son voyage et de son séjour en Égypte. Revenue à Nazareth, lorsque plus tard Joseph fut mort, Jésus crucifié, puis ressuscité, un jour qu'elle se trouvait dans la maison de Jean-Marc, le Seigneur —dit-elle— lui apparut et lui exprima son désir de consacrer une église à Al-Muharraqah. Et, enlevé sur une nuée avec les disciples, Jésus est transporté sur le mont Quesquâm. Il y célèbre la première messe qui y fut dite et ordonne aux disciples de bâtir une église sur la montagne» <sup>117</sup>.

Desta lenda tipicamente apócrifa, nasceu, contudo, um movimento piedoso enorme, que comoveu a Abissínia cristã.

A 18 de Dezembro, a Igreja etiópica celebra também a festa *Deqseyos*, assim chamada por a Virgem Maria ter aparecido a um bispo deste nome, suplicando-lhe que, na data sobredita, se festejasse a Anunciação e, no mesmo dia de cada mês, se fizesse comemoração dela <sup>118</sup>. Finalmente, a 16 de Maio, começa a grande festa etiópica chamada *Dabra-Metmâq*, em recordação da aparição de Nossa Senhora, num mosteiro do Baixo-Egito, em Al-magtas. O sinaxário da festa resume a famosa aparição: Nossa Senhora estava sentada, dentro dum círculo de luz, na igreja do seu nome. Cercavam-na exércitos de anjos, com turbulos, e volta e meia eles inclinavam-se diante dela, dizendo: *Do ceu, Deus Pai baixou o seu olhar sobre a terra e não achou nenhuma mulher semelhante a ti!* Vieram também os santos montados em cavalos e inclinavam-se, igualmente, perante a Virgem Maria. Depois, chegaram os mártires, os profetas, os confesores, os Santos Inocentes (e estes lamentavam-se diante da Mãe de Deus), etc.

Milhares e milhares de peregrinos visitaram esta igreja, muitos muçulmanos chegaram a converter-se <sup>119</sup>. Um dia, o sultão Al-Asráf († 1438) ordenou a destruição do mosteiro e santuário, mas a Igreja da Etiópia nunca se esqueceu da festa de *Dabra-Metmâq*.

Esta névoa incerta e teimosa que envolve certas festas litúrgicas, vamos encontrá-la, igualmente, nas colecções de milagres, onde as aparições da SS.ma Virgem vêm narradas com tão poucas garantias de segurança que nada, ou quase nada, podemos apurar de verdade. Gualter, monge cluniacense do séc. XII, escreveu uma obra intitulada *De miraculis Beatae Virginis Mariae* <sup>120</sup>. Conta-nos, entre outras coisas, que em Dormans, na França, a Senhora apareceu a uma pobre mulher, no dia de Páscoa <sup>121</sup>. Num fragmento da Sé de Braga, lemos a história dum religioso chamado Bom, a quem a Virgem recompensa com um maravilhoso vestido <sup>122</sup>. Num códice alcobacense, em letra do séc. XIV, mas cópia doutro mais antigo, o anónimo autor fala-nos de várias aparições, algumas delas insertas nas grandes colecções do séc. XIII, entre elas as *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso o Sábio <sup>123</sup>. S. Gregório de Tours regista as visões da basílica de Constantinopla e da criança judia atirada ao fogo, a quem Nossa Senhora salvou, envolvendo-a no seu manto <sup>124</sup>. O venerável Guiberto († 1124) abade de S.ta Maria de Nogent, descreve duas aparições no seu livro *De laude Mariae* <sup>125</sup>. Por essa época, o monge Hermann compunha três livros de milagres de Nossa Senhora de Laon, com uma aparição, pelo menos <sup>126</sup>. Por seu lado, Hugo Farsit († 1186) coleccionou as maravilhas de Nossa Senhora de Soissons <sup>127</sup>, onde refere que um pastorito de onze anos vira

117. G. NOLLET, *Le culte de Marie en Éthiopie*, em *Maria*, t. 1, Paris, 1949, pp. 382-383.

118. *Ib.*, p. 385.

119. *Ib.*, pp. 390 e ss.

120. MIGNE, *PL*, t. 173, cols. 1379-1386.

121. *Ib.*, col. 1382.

122. AVELINO DE JESUS DA COSTA, *Fragmentos preciosos de códices medievais*, Braga, 1949, p. 28.

123. Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 39, fls. 336-349 v.

124. MIGNE, *PL*, t. 71, cols. 713, 714, 715.

125. *Ib.*, t. 156, cols. 569, 573.

126. *Ib.*, col. 986.

127. *Ib.*, t. 179, cols. 1177-1800..

a SS.ma Virgem a interceder pelo povo. E Jesus respondia: *Mãe, tu és a estrela do mar, faça-se tudo o que tu queres* <sup>128</sup>. E ainda esta intervenção da Mãe de Deus: perdidos na escuridão, alguns peregrinos vêem um clarão imenso na noite fechada — e no meio, a figura da Virgem Maria, vestida de branco <sup>129</sup>.

Estes e outros casos formavam uma corrente caudalosa que foi depois recolhida, em prosa e verso, nos obras de piedosos escritores, como Gautier de Coinci, Afonso o Sábio, Frei Gil de Zamora, Gonçalo de Berceo, John of Garland, etc. E juntamente com os milagres da SS.ma Virgem, tais *aparições* puseram-se a falar as línguas mais variadas: anglo-normando, francês, provençal, castelhano, galaico-português, holandês, italiano, inglês, alemão, escandinavo, etc. Estudar aqui tais obras levar-nos-ia demasiado longe. São muitos, tais livros <sup>130</sup>, muitos e difíceis de estudar na sua génese e na sua influência. Mas aquilo a que poderíamos chamar a sua mariologia concretiza-se, essencialmente, nestas palavras: *Maria, Mãe de todas as graças*. E podemos dizer dos seus autores o que Bossuat escreve de Gautier de Coinci: «Si étrange que cela paraisse, il est convaincu de la réalité des faits qu'il interprète et ne s'effraye d'aucune invraisemblance» <sup>131</sup>.

Como afirma Delehay, *la légende, comme toute poésie, peut prétendre à un degré de vérité plus élevé que l'histoire* <sup>132</sup>. Na verdade, estas *aparições* da SS.ma Virgem, embora quase todas lendárias, não só provocaram um estado religioso-emocional de grandes consequências mas encerram, também, uma exposição e defesa da doutrina católica, ao alcance da imaginação popular. Explícita ou implicitamente, Nossa Senhora afirma *dramaticamente* a sua Assunção, ataca os hereges, demonstra a imortalidade da alma, faz a apologia da castidade, desfaz as dúvidas sobre a sagrada eucaristia — apresenta-se, acima de tudo, como a advogada suprema dos pecadores, amparo e refúgio de todos os que sofrem. Nas situações absurdas, em casos desesperados e sem saída nenhuma, ela aparece como a âncora de salvação a quem ninguém recorre em vão. É a Mãe de Misericórdia, a quem Deus nada recusa, a medianeira de todas as graças. Nestas ingénuas páginas palpita, quase sempre, um tão seguro instinto sobrenatural que os mariólogos dos nossos dias fariam bem olhando para quase todas elas, como testemunho da piedade católica do povo medieval.

128. *Ib.*, col. 1784.

129. *Ib.*, cols. 1790-1791.

130. Cf. E. FAYE WILSON, na sua edição da *Stella Maris*, de JOHN OF GARLAND, Cambridge (Massachusetts), 1946, pp. V-IX (e ao longo de todo o prefácio).

131. Cf., por exemplo, R. BOSSUAT, *Manuel Bibliographique de la Littérature Française du Moyen Age*, Melun, 1951, (e o seu suplemento, Paris, 1955) nns. 2306-2314, 3127-3192, 3301, 3407, 3546, 4888, 5686-5707, 6600, 6607-6613, 6598-6618, 6928, 6929.

132. R. BOSSUAT, *Histoire de la Littérature Française. Le Moyen Age*, Paris, 1931, página 184.

133. H. DELEHAYE, *Les Légendes Hagiographiques*, Bruxelas, 1927, p. 217.